

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Ultima Hora Class.: PIX 656
 Data: 27.03.90 Pg.: _____

Alto Xingu em Nova York

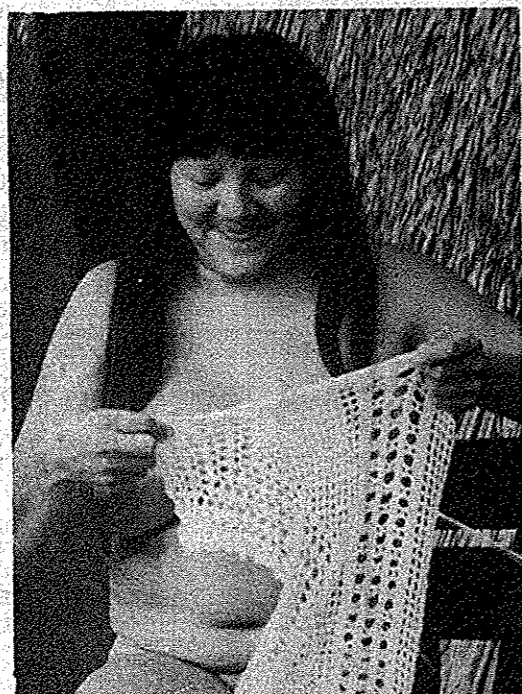
190

MANINHO PACHECO
 Da Reportagem de UH Revista

O longa-metragem "Uaka" não é "mais um filme" sobre as condições agudamente revoltantes a que os índios brasileiros estão submetidos. "Uaka", de Paula Gaitan, foi escolhido para representar o Brasil no Festival Semana da Amazônia, que está sendo realizado de ontem até a 31, na Universidade de Nova York. Em tempos de exacerbação ecológica, assunto que já virou grife de vestuários, "Uaka" dá um ar de dignidade e seriedade à questão indígena. O filme, premiado pelo júri no Festival de Filme D'Amiens, França, não trata, especificamente, da dizimação indígena. Ao contrário. Mostra em detalhes e esmerada fotografia todo o ritual do "Kuarup". A denúncia não precisa ser panfletária para denunciar.

Ao lado de documentários americanos e brasileiros, o filme de Paula Gaitan será um dos sete que poderão ser vistos na mostra Semana da Amazônia, projeto da Organização Cultural Brasileira e Universidade de Nova York.

Vamos ver se faz sentido. Em 1988, a Assembléia Nacional Constituinte aprova emenda que desapropria os latifúndios improdutivos a título de reforma agrária. A emenda depende de legislação complementar para que se defina o que é ou não terra improdutiva. Pelo sim, pelo não, os grandes latifundiários, testas-de-ferro de multinacionais que exploram o território da Amazônia legal, promoveram queimadas nas florestas de suas propriedades para que dessem a impressão de estarem prontas ao cultivo, portanto terras produtivas. A

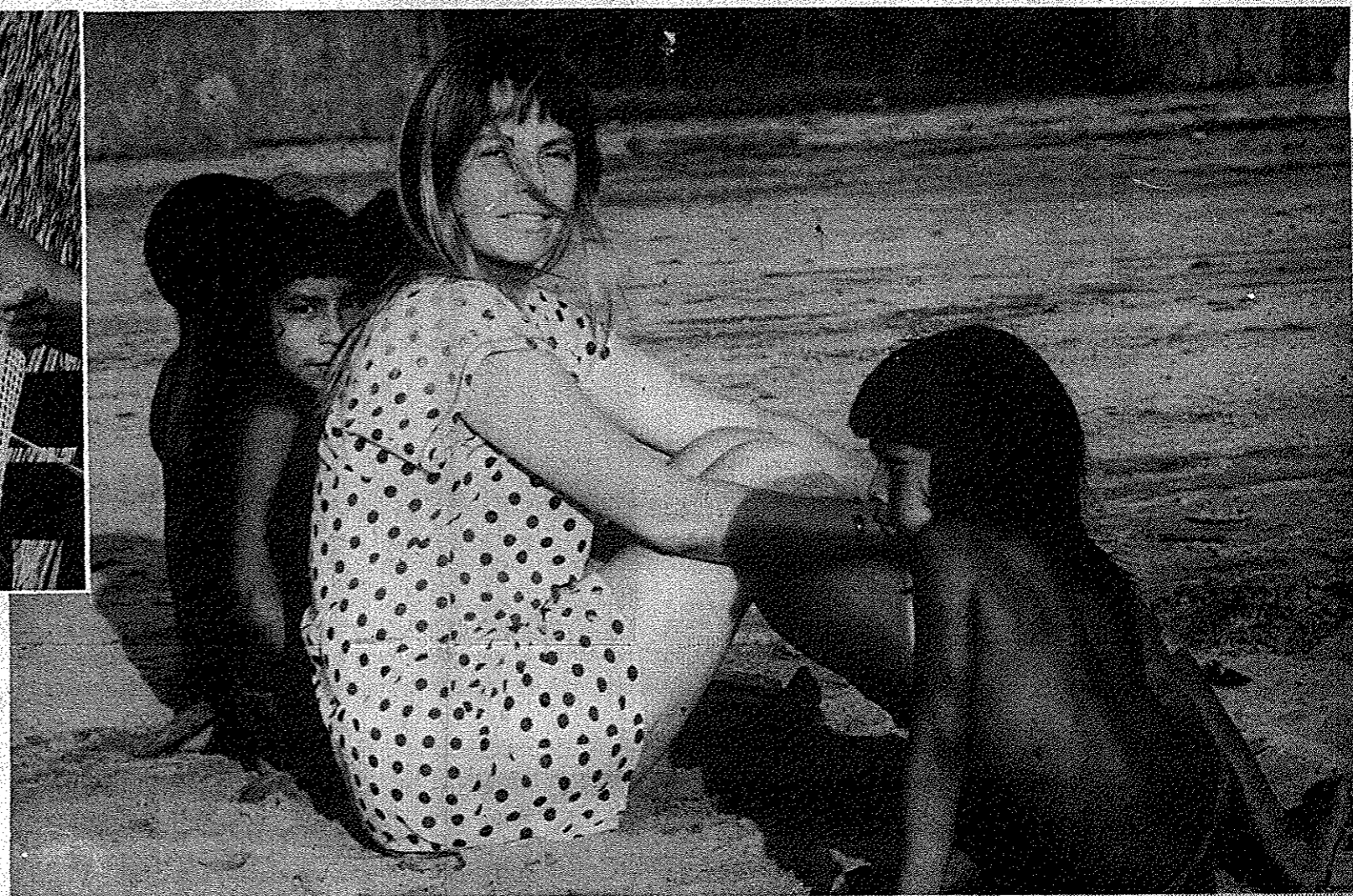


Cena de "Uaka", que será apresentado em Nova York

combustão, provocada pela queima das florestas, libera toneladas de monóxido de carbono, que sobem à atmosfera, ameaçando a camada de ozônio que protege a Terra.

Em terra, as queimadas, destroem o ecossistema amazônico, comprometendo fauna e flora, afastando a população indígena de seu habitat para outras áreas, onde entra em conflito com posseiros e mineiros, dizimando uma raça, dando fim à história.

Não faz sentido. O coma a que está submetida a floresta amazônica há bem mais de duas décadas vem merecendo as atenções da imprensa internacional, parliamentos e congressos de países europeus e dos EUA. Incontáveis são as capas que chamam aos artigos principais das mais importantes revistas estrangeiras. Incontáveis os protestos



A cineasta Paula Gaitan no set de filmagens de "Uaka", no Alto Xingu

dos países do Velho Continente contra a devastação do tão discutível "pulmão do mundo". Países que já jogaram às traças parte de suas belezas naturais, reduziram a pó e chuva ácida o oxigênio que os envolve, transcafiaram em zões espécimes animais locais.

Mas não importa. A discussão séria com a comunidade internacional em torno das questões ecológicas, da Amazônia, preservação da raça indígena, perpetuação da vida humana, é ponto número um

de pauta para que se possam discutir a miséria dos povos do Terceiro Mundo, a fome e o subdesenvolvimento.

A questão ecológica passa pela discussão de que qualidade de vida é uma bandeira ecológica. Não verde, especificamente. Ecológica. A luta por uma melhor qualidade de vida é a luta por uma sociedade humana sem miséria, subproduto do subdesenvolvimento que, por sua vez, se perpetuará enquanto houver contradições sociais crônicas entre os povos.



O filme "Uaka" faz parte do acervo do Museu do Índio de Nova York